

12/07/2019

## O trem estremeado de Drummond: mineração e territórios fraturados

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

O maior trem do mundo / Leva minha terra  
Para a Alemanha / Leva minha terra  
Para o Canadá / Leva minha terra / Para o Japão

O maior trem do mundo  
Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel  
Engatadas geminadas desembestadas  
Leva meu tempo, minha infância, minha vida  
Triturada em 163 vagões de minério e destruição.

O maior trem do mundo / Transporta a coisa mínima do mundo  
Meu coração itabirano

Lá vai o maior trem do mundo / Vai serpenteando, vai sumindo  
E um dia, eu sei, não voltará

Pois nem terra, nem coração existem mais.

O poema *O maior trem do mundo*, publicado em 1984 por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) no Jornal *O Cometa Itabirano*, realça as contradições da exploração de minério de ferro em Itabira (MG).

Revela a posição histórica do Brasil na periferia da divisão territorial e internacional do trabalho enquanto exportador de produtos primários para o mundo rico. Ao ler o poema, o conteúdo crítico soma-se ao ritmo dos versos, como o assombro do próprio trem ao apitar entre as serras mineiras. Drummond, com sua versaria, apreendeu essas questões a partir do que enxergou em Itabira, onde as jazidas do minério motivaram a criação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), em 1942, no Governo Vargas, com o objetivo de extrai-las e exportá-las para suprir a indústria de guerra dos aliados na 2ª Guerra Mundial. Consequentemente, a CVRD foi criada como empresa estatal para prover o mercado internacional com o minério brasileiro. Nos anos 1990 a agenda neoliberal incentivou a política de privatização de empresas estatais. Com efeito, em 1997, no governo FHC, a CVRD foi privatizada.

Em 2007 o seu nome foi alterado para apenas Vale e, no mesmo ano, com 131 mil empregados (44% terceirizados), escritórios e *joint ventures* em cerca de 30 países, alcançou a posição de 4ª maior empresa mineradora do mundo em valor (Milanez et al., 2018). Portanto, no decorrer dos anos e décadas, a Vale contribuiu para a transformação do Brasil em importante *player* do mercado global de ferro, consolidando-se como o 2º maior exportador desse minério no mundo, atrás apenas da Austrália (*idem*). Em 2018 as exportações do minério somaram 394,2 milhões de toneladas, um crescimento de 25,4% se comparadas ao ano de 2017 [Secretaria de Comércio Exterior, 2019].

Diante disso, podemos retomar o conteúdo crítico ilustrado nos seguintes versos: “O maior trem do mundo / Leva minha terra / Para a Alemanha / Leva minha terra / Para o Canadá / Leva minha terra / Para o Japão”. O minério extraído do subsolo e separado do material estéril e rejeitos provoca a exaustão de paisagens e se coloca como centro da conversão de recursos territoriais em *commodities*. Isso lembra a pergunta de Galeano (1987:14): “exportamos produtos ou exportamos solos e subsolos?”. Os versos da segunda estrofe sublinham a pilhagem de territórios urdidos por relações de pertencimento, memória afetiva, simbólica e cultural: “O maior trem do mundo / Puxado por cinco / locomotivas a óleo diesel / Engatadas geminadas desembestadas / Leva meu tempo, minha infância / minha vida / Triturada em 163 vagões de minério e destruição / O maior trem do mundo / Transporta a coisa mínima do mundo / Meu coração itabirano”. São versos que evidenciam o atropelo das paisagens e territórios da Itabira drummondiana pela mineração a céu aberto, triturando solo e subsolo de serras na cidade do poeta, como o Pico do Cauê, formação rochosa de elevado teor de ferro que, no decorrer dos anos, foi pulverizada e carregada por “vagões de minério e destruição”. A última estrofe sintetiza os efeitos do modelo de mineração depredador e insustentável: “Lá vai o maior trem do mundo / Vai serpenteando, vai sumindo / E um dia, eu sei, não voltará / Pois nem terra, nem coração existem mais”.

O esgotamento dos minérios, da água, das paisagens, dos ecossistemas e dos trabalhadores sintetiza o que Gudynas (2015) denomina de “amputação ecológica” e Harvey (2018) chama “degradação cancerosa da natureza”.

O maior trem do mundo, portanto, é peça simbólica tanto da imponência econômica dos minérios extraídos do subsolo brasileiro, exportados para diversas partes do mundo, quanto das abruptas transformações das paisagens e dos territórios, com consequências deletérias à sociedade e à natureza.

Em suma, como se carregasse uma bacia simbólica nas mãos, Drummond revolve as palavras dos dicionários para transformá-las em versos e estrofes de rara poesia. Igualmente, utilizou dessa sabedoria para palmilhar as contradições do mundo e especialmente da “economia de saque ambiental” (Wisnik, 2018:228) representada pelo modelo de mineração territorializado em sua cidade natal, Itabira, e demais municípios mineiros e brasileiros. ■■■

### Citações

- Galeano, E. As veias abertas da América Latina. R. Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Gudynas, E. Extractivismo: ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la naturaleza. Cochabamba: CLAES, 2015.
- Harvey, D. A loucura da razão capitalista: Marx e o capital no século XXI. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2018.
- Milanez, B. et al. A Estratégia Corporativa da Vale S.A.: um modelo analítico para Redes Globais Extrativas. Versos, 2(2), 1-43, 2018.
- Wisnik, JM. Maquinação do mundo: Drummond e a mineração. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.